



## **Paralelismos morfossintáticos entre Mundurukú e Tupí-Guaraní**

Dionei Moreira Gomes (Laboratório de Línguas Indígenas - UnB)

### **FLEXÃO RELACIONAL**

Há prefixos relacionais orientando o funcionamento do sistema lingüístico do Mundurukú. Na literatura sobre línguas indígenas brasileiras, tem-se chamado de “prefixos relacionais” morfemas que, na descrição de Rodrigues (1990b), “marcariam a contigüidade ou a não-contigüidade de um genitivo antes de um nome, um sujeito antes de um verbo descritivo, um objeto direto antes de um verbo transitivo e de um nome antes de uma posposição, ou seja, um dependente antes de um núcleo.” De um modo geral, nomes, verbos e posposições compartilham essa propriedade flexional. Em outras palavras, tal processo morfossintático, com alta freqüência de ocorrência, consiste na marcação da dependência de um determinante (um nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo. O nome tem como determinante o seu possuidor; o verbo intransitivo, o seu sujeito; o transitivo, o seu objeto; e a posposição, o objeto desta.

Os relacionais estão presentes em algumas das línguas amazônicas do tronco Tupí e da família Karíb, além de estarem sendo considerados elementos muito antigos do tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999). É, portanto, um fenômeno presente em línguas das diversas famílias. Ao lado da família Tupí-Guaraní, do Mawé e do Tuparí no tronco Tupí, está o Mundurukú. Desta língua, será destacada a ocorrência dos relacionais nos contextos de predicados verbais.

### **FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ E LÍNGUA MUNDURUKÚ: PREFIXOS RELACIONAIS**

Um dos argumentos que sustentam a interpretação dos prefixos aqui referidos como relacionais no Mundurukú é o parentesco que essa língua tem com as demais do tronco Tupí, em particular com as línguas da família Tupí-

Guaraní<sup>1</sup>. Um breve panorama dos morfemas relacionais na língua Tupinambá auxiliará a análise que se faz dos mesmos na língua Mundurukú, ressaltadas as características intrínsecas desta última.

Segundo Rodrigues (1996), todos os nomes, verbos e posposições da língua Tupinambá operam com flexão relacional, estando divididos em duas classes morfológicas de acordo com a distribuição dos alomorfes de cada marcador. A classe I apresenta  $\emptyset$ - para contíguo e *i*- para não-contíguo, e a classe II tem *r*- para contíguo e *s*-  $\infty$  *t*- para não-contíguo. São apresentados abaixo exemplos em que o marcador de contigüidade (CNT) e o marcador de não-contigüidade (NCNT) ocorrem com verbos intransitivos (1, 2, 3) e com verbos transitivos (4, 5, 6, 7) (de Rodrigues 1996:58-59):

1. *né r-úr-eme a- $\emptyset$ -júká umwán*  
 (você CNT-vir-SUBJ 1SUJ-3OBJ-matar já.passado)  
 'quando você veio, eu já o tinha matado' (Anchieta 1595:21v)

2. *opukú $\beta$ o tá $\beta$ -a r-én-i*  
 (de.comprido aldeia-ARG CNT-estar.sentado-CIRC)  
 'a aldeia está assentada ao comprido' (Anchieta 1595:43)

3. *t-ú $\beta$ -a (...)  $\emptyset$ -*ʔekatwá $\beta$ -a  $\emptyset$ -kotí s-én-i*  
 (HUM-pai-ARG CNT-mão.direita-ARG CNT-para.o.lado.de NCNT-estar.sentado-CIRC)  
 'ele está sentado à mão direita do pai' (Araújo 1618:15)*

4. *koromõ sjé r-epják-i*  
 (logo eu CNT-ver-CIRC)  
 'logo me vêem' (Anchieta 1539:39v)

5. *koromõ s-epják-i*  
 (logo ncnt-ver-circ)  
 'logo o vêem' (Anchieta 1539:39v)

6. *koromõ sjé né  $\emptyset$ -júká-w*  
 (logo eu você CNT-matar-CIRC)  
 'logo eu te mato' (Anchieta 1595:39v)

7. *korí i-júká-w*

<sup>1</sup> Evidências lexicais e fonológicas entre Tupí-Guaraní e Mundurukú encontram-se em Rodrigues (1978).

(hoje.futuro NCNT-matar-CIRC)

'hoje o matam' (Anchieta 1595:39v)<sup>2</sup>

Segue abaixo a reprodução de uma tabela apresentada por Rodrigues (2000), com a distribuição dos prefixos relacionais, a qual servirá de base para posterior comparação com o Mundurukú: 1. 'o determinante precede imediatamente o determinado', 2. 'o determinante está deslocado ou omitido e é diferente do sujeito da oração', 3. 'o determinante é o sujeito da oração', 4. 'o determinante é um ser humano indefinido'<sup>3</sup>:

(Tabela 1)

	Classe Ia	Classe Ib	Classe IIa	Classe IIb	Classe IIc	Classe IId
	-akáŋ	-posáŋ	-esá	-úβ	-uʔúβ	-ekúj
	'cabeça'	'remédio'	'olho'	'pai'	'flecha'	'cuia'
1.	øakáŋa	øposáŋa	resáø	rúβa	ruʔúβa	rekúja
2.	iakáŋa	iposáŋa	sesáø	túβa	suʔúβa	sekúja
3.	oakáŋa	oposáŋa	oesáø	oúβa	ouʔúβa	oekúja
4.	øakáŋa	mosáŋa	tesáø	túβa	øuʔúβa	økúja

Em Mundurukú, há duas classes morfológicas de palavras, que se distinguem pelos alomorfes de prefixos que têm função análoga à dos relacionais do Tupinambá, uma em que a contigüidade do determinante é marcada por *ø* e a não-contigüidade por *i-*; a outra com *d-* para a contigüidade e *t-* para a não-contigüidade. Vejam-se os exemplos abaixo:

8. Pedro João o' ãu-wedao i-tayxi eju  
 (Pedro João 3Sa NCNT.CAUS-transar.PRF NCNT-esposa PO.com)  
 'Pedro fez João transar com a esposa dele (João).'

<sup>2</sup> Não serão elemento de comparação outros dois prefixos relacionais mencionados por Rodrigues (1996). "Um deles tem os alomorfes *m-* ~ *ø* para a classe I e *t-* ~ *ø* ~ [perda da vogal inicial] para a classe II e assinala que não há determinante expresso sintaticamente, mas há uma relação de dependência com seres humanos em geral (*moʔír* < *m-poʔír* 'colar usado pelas pessoas', *moraséj* < *m-poraséj* 'dançar de gente', *t-eté* 'corpo humano', *t-eiké-áβ* 'entrada de gente', *t-oβaké* 'diante de gente'); o outro tem a mesma forma nas duas classes, *o-*, e indica que o determinante é idêntico ao sujeito da oração principal (*o-poʔír* 'seu próprio colar', *o-eté* 'seu próprio corpo')." (1996:59-60)

<sup>3</sup> Os paradigmas das classes estão exemplificados com nomes no caso argumentativo. Não estão sendo apresentados os alomorfes dos relacionais.

9. xeku ayacat toxaw ø-tayxi  
 (aquela mulher capitão CNT-esposa)  
 'Aquela mulher é esposa do capitão.'

10. t-õm ø-mu-'a'a'am õn wayõm ø-pu be i-mu-õm am  
 (NCNT-massa CNT-CAUS-cabeça.IPRF eu tipiti CNT-CL<sub>2</sub> PO.em NCNT-CAUS- colo-  
 car.IPRF CJ.fim)  
 'Estou embolando a massa para colocá-la no tipiti.'

11. kopsũ o d-oy ø-o'om  
 (pium 1 CNT-sangue CNT-comer.IPRF)  
 'Os piuns estão chupando meu sangue.'

12. kopsũ t-oy ø-o'om  
 (pium NCNT-sangue CNT-comer.IPRF)  
 'Os piuns estão chupando o sangue dele.'

13a. daje d-akatkan õn kise-m  
 (porco.do.mato CNT-cortar.IPRF eu faca-INST)  
 'Eu estou cortando o porco do mato com a faca.'

13b. dapsem t-akatkan õn kise-m  
 (veado CNT-cortar.IPRF eu faca-INST)  
 'Eu estou cortando o veado com a faca.'

14. o t-akat kise-m  
 (1Sa NCNT-cortar.PRF faca-INST)  
 'Eu o cortei com a faca.'

15. ø-uk ø'a Pedro d-uk ø'a  
 (ind-casa CNT-CL<sub>9</sub> Pedro CNT-casa CNT-CL<sub>9</sub>)  
 'A casa é de Pedro.'

16. t-uk ø'a  
 (ncnt-casa CNT-CL<sub>9</sub>)  
 'Casa dele'

A observação desses exemplos revela de imediato uma correlação entre os morfemas relacionais do Tupinambá e do Mundurukú:

(Tabela 2a) Tupinambá	(Tabela 2b) Mundurukú
CNT	CNT
NCNT	NCNT
Classe I	Classe I
∅-	∅-
i-	i-
<b>Classe II</b>	<b>Classe II</b>
r-	d-
s-/t-	t-

I. De fato, os relacionais da classe I do Mundurukú correspondem aos da classe I do Tupinambá. Os exemplos (8) *i-tayxi* 'esposa dele' e (9) *toxaw ∅-tayxi* 'esposa do capitão' confirmam essa assertiva no tocante aos nomes, e os dados *t-õm ∅-mu-'a'a'am* 'emboando massa' e *i-mu-õm* 'colocá-la' do exemplo 10 demonstram a flexão relacional nos predicados verbais.

II. Em corroboração à hipótese de terem *d-* e *t-*, em Mundurukú, o valor funcional dos prefixos relacionais do Tupinambá, foram arrolados os exemplos 15 e 16. Estes mostram a manutenção, no Mundurukú, do comportamento típico de uma subclasse de nomes do Tupinambá. Essa subclasse apresenta três formas para uma palavra: 1. com possuidor indeterminado; 2. com possuidor contíguo; 3. com possuidor não-contíguo. Isso corresponde, respectivamente, ao primeiro uso da palavra para designar 'casa' (*∅-uk'a*) no exemplo 15, a *Pedro d-uk'a* também em 15, e a *t-uk'a* em 16. Além de *uk'a / duk'a / tuk'a*, foi encontrada, com o mesmo comportamento, a palavra *op / dop / top* (flecha). Esses dois casos, mesmo que únicos, reforçam a interpretação de *d-* e *t-* como morfemas relacionais em Mundurukú, pois apresentam total correspondência com o Tupinambá. Tem-se, assim, um dado relevante, que permite pensar na função relacional dos morfemas em questão.

III. Sobre a classe II, é imprescindível informar que existe uma regra fonológica determinando a mudança de */d-/* em */t-/*, se for ele precedido de consoante. É o caso de 13a e 13b, em que *daje dakatkan* 'cortando porco do mato' e *dapsem takatkan* 'cortando veado' apresentam o mesmo morfema relacional de contigüidade, embora o contóide *[bm]* de 13b, automaticamente, mude */d-/* em */t-/* e crie uma aparente marcação de não-contigüidade.

IV. Rodrigues (1990a) suscita a hipótese de que a comparação das palavras *doy* 'sangue' e *daxa* 'fogo' (ambas do Mundurukú) com os respectivos cognatos em línguas de outras famílias do tronco Tupí demonstra que */d-/* e */t-/* podem ter sido originalmente prefixos:

V. “(...) in Tupinambá and in Old Guaraní, for instance, the stems *-atá* ‘fire’ (...) and *-uwý* ‘blood’ are abstracted not only from the oppositive pairs *X r-atá* ‘X’s fire’/ *s-atá* ‘his fire’ (...), but also from compounds and derivatives where the stems occur independently of any relational prefixes, as in Tupinambá *ma?é-atá* ‘thing that has fire’ (Anchieta, 1595:9), (...) Old Guaraní *a-je-mo-uwý* ‘I bleed myself’ (Ruiz de Montoya, 1876:401/395).” (Rodrigues 1990a)

O problema que se coloca para a análise de /d-/ e /t-/ em Mundurukú é que, sincronicamente, afora as palavras para *casa* e *flecha*, não se pode tratá-los simplesmente como prefixos. Ao contrário do Tupinambá, não é possível depreender as raízes *-oy* ‘sangue’ e *-axa* ‘fogo’ a partir da oposição entre contigüidade e não-contigüidade. Além disso, nem mesmo em compostos e derivados ocorrem exemplos independentemente: p. ex. *mu-direm* ‘molhar’ (causativo + estar.molhado). Nesse exemplo, seria esperado *muirem* se houvesse plena correspondência com a derivação em Tupinambá.

Desse modo, convém entender o /d-/ (CNT) variando com o /t-/ (NCNT) no âmbito da morfofonologia, marcando uma referência sintática, e não funcionando como um prefixo que é introduzido na palavra. Ressalvando-se a classe composta por *uk’a* e *op*<sup>4</sup> (‘casa’ e ‘flecha’, respectivamente), /d-/ e /t-/ foram reanalisados como parte da raiz na língua Mundurukú.

Assim, percebe-se que a morfossintaxe do Mundurukú aproxima-se da do Tupinambá no tocante à flexão relacional, evidenciado grau de parentesco entre essas línguas do tronco Tupí.

Se em um primeiro momento foi feita uma comparação entre o Mundurukú e o Tupinambá, para entender a flexão relacional, neste momento, recorre-se à língua Tapirapé. Esta é uma língua da família Tupí-Guaraní falada atualmente por cerca de 400 pessoas, que vivem ao longo do rio Tapirapé, afluente matogrossense do Araguaia. Segundo Praça (1999:3), “é uma língua bastante conservadora em relação à morfologia: preserva marcas morfológicas que em muitas línguas da mesma família se perderam, além de possuir uma morfologia extremamente elaborada.” Sendo o Tapirapé pertencente ao mesmo tronco lingüístico do Mundurukú (tronco Tupí), optou-se por essa língua para reforço da análise dos morfemas relacionais e dos verbos estativos do Mundurukú. Tenta-se com isso uma aproximação com uma língua moderna, a fim de complementar a análise iniciada com o Tupinambá (língua antiga), que explica certas características do Mundurukú, e, subsidia-

<sup>4</sup> Vários testes foram feitos a fim de se encontrar mais palavras dessa classe, porém o resultado foi negativo até o momento.

riamente, reforçar as evidências que levam esta língua a pertencer ao tronco Tupí.

De acordo com Praça (1999):

“Os temas das palavras flexionais distribuem-se em duas classes morfológicas, as classes I e II, de acordo com os alomorfes dos prefixos relacionais que utilizam. Essas classes não se distinguem semanticamente. Os temas da classe I, começados por consoantes ou por vogais, recebem os prefixos relacionais  $\emptyset$  e  $i-$ , enquanto os da classe II, todos começados por vogais, recebem os prefixos relacionais  $r-$   $\infty$   $n-$  e  $(h- \sim \emptyset) \infty t-$ .  
(...)

Os temas da classe I são marcados com  $\emptyset$  quando precedidos por determinante *contíguo* e com  $i-$  quando precedidos por determinante *não-contíguo*. Já os temas da classe II marcam com  $r-$  a presença de determinante *contíguo* e com  $(h- \sim \emptyset) \infty t-$  a de determinante *não-contíguo*.” (Praça 1999:23)

O exposto acima aproxima bastante o Mundurukú do Tapirapé. Para traçar a correspondência pretendida entre as duas línguas a respeito dos morfemas relacionais e verbos intransitivos estativos, transcreve-se de Praça (1999) os seguintes exemplos:

“(15)  $ypek\check{o}-\emptyset$  mi  $i-\check{a}r\check{o}\check{a}r\check{o}$  a- $k\check{o}p-a$   
pica-pau-ARG FOC NCNT-beleza 3COR-estar.dual-GER  
‘os dois pica-paus são bonitos’

(16)  $i\acute{e}$   $x\acute{e}$   $\emptyset-$  $yty'-p\acute{e}i-\check{a}m$   
eu I CNT-lixo-varrer-INST  
‘eu tenho vassoura’

(17)  $\check{a}'eg\acute{a}$   $i-ywyr\check{a}p\check{a}n$   
DEM NCNT-arco  
‘ele tem arco’

(18)  $n\acute{e}$   $r-\check{y}j-m\acute{it}$   
2 CNT-dente-pele  
‘Você tem gengiva’



(19) ã'é t-a'ýt

ela NCNT-filhote

'ela (onça) tem filhote' " (Praça 1999:25-26)

Praça tem como assunto central de sua dissertação (1999) os nomes como predicados na língua Tapirapé. Nos exemplos acima, ela mostra que nomes tornam-se predicados ao não receberem caso argumentativo, o qual é marcado por um sufixo obrigatório se os nomes estiverem exercendo a função de argumento. Importa para estudo do Mundurukú a combinação no Tapirapé entre pronomes marcadores de sujeito de primeira e segunda pessoas (*xe* e *ne*, respectivamente) e a marcação de contigüidade (exemplos 16 e 18), além da ocorrência de marcação de não-contigüidade, presente em 15, 17 e 19 (terceira pessoa).

Primeiramente, há em comum entre estes exemplos e os exemplos do Mundurukú referentes a verbos intransitivos estativos a idéia de posse. Além disso, é patente o paralelismo entre as línguas no que diz respeito à distribuição entre os prefixos relacionais (CNT e NCNT) e as pessoas verbais.

(Tabela 3)

	Mundurukú	Tapirapé
1	o	xé
2	e	né
12	wuy	xané
13	oce	aré
23	ey	pé

Segundo Praça (1999:29), os pronomes do Tapirapé no quadro acima são absolutivos e ocorrem, entre outras funções, como determinantes de nomes em função de núcleo de predicado existencial possessivo. A codificação da função sintática desses pronomes é realizada por meio dos prefixos relacionais. O Mundurukú também trata os marcadores de sujeito do quadro acima como absolutivos, pois são idênticos aos marcadores de objeto dos verbos transitivos. São eles também determinantes dos verbos intransitivos estativos, que trazem a interpretação existencial ou possessiva, tal como no Tapirapé. Finalmente, também em Mundurukú, a codificação da função sintática dos marcadores de sujeito realiza-se por meio dos prefixos relacionais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gomes, Dione M. 2000. Predicados Verbais da Língua Mundurukú e Modelos Lexicográficos. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

- Praça, Walkíria N. 1999. Nomes como Predicados na Língua Tapirapé. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- Rodrigues, Aryan D. 1978. "Tupi-Guarani e Mundurukú: evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético." *Estudos Lingüísticos*. (Anais de Seminários do GEL) 3:194-209. Araraquara: UNESP.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. 1990a. "You and I = Neither You nor I: The Personal System of Tupinambá." Em: D.L. Payne (org.), *Amazonian Languages*, 393-406. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_. 1990b. "A case of grammatical affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê." MS, UnB, s/d.
- \_\_\_\_\_. 1994. "The Grammatical Structure of Classical Tupí". Notas de curso dado na Universidade de Leiden, Holanda. (inédito)
- \_\_\_\_\_. 1996. "Argumento e Predicado em Tupinambá". *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. 19:57-70.
- \_\_\_\_\_. 1999. "Tupí". *The Amazonian Languages*, 107-124. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. 2000. "Sobre a Natureza do Caso Argumentativo". Trabalho lido no *Rencontre sur la grammaire des langues Tupí-Guaraní*, Caiena, 25-27/1/2000.